

MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR

MARCOS MICHELI/EM

Apenas um ano atrás

A política pode ser um assunto fascinante, embora existam pessoas que a achem um dos aspectos menos interessantes da vida em sociedade. Pensando bem, elas têm, freqüentemente, razão, pois o espetáculo a que somos, no Brasil, submetidos por alguns de nossos bravos líderes diminui muito a disposição do cidadão comum em acompanhar seu dia-a-dia.

Mas há momentos que são, mesmo, curiosos, como este pelo qual acabamos de passar. Sem que tenha merecido quase nenhum registro, neste final de outubro vivemos o aniversário da eleição de Lula, contado de quando venceu o segundo turno da eleição de 2006.

Naquela altura, o ambiente tinha já serenado, estando claro para todo mundo qual seria o desfecho do processo eleitoral. Mas, quanta diferença em relação a como havia começado o mês, quando muita gente trabalhava com a hipótese de que Alckmin faria a ultrapassagem de Lula, o que às deixava felizes.

Não foi isso que ocorreu. Ao contrário, Lula logo recuperou sua vantagem histórica e voltou a ser o maior favorito para ganhar as eleições. Os resultados da apuração confirmaram, desde o começo, tudo o que havia sido especulado.

As emoções que vivemos há tão pouco tempo deram lugar a sentimentos muito mais calmos hoje em dia. À

medida que os meses foram se passando, desde o começo do ano, o governo Lula foi ficando mais e mais rotineiro, menos surpreendente. Não que ele tenha perdido a capacidade de tocar a opinião pública, pois continua a despertar reações nas pessoas, de aprovação ou de crítica. Mas passaram a ser iguais às de sempre, o que contribui para deixá-las menos motivadoras.

Para o bem ou para o mal, o governo tem mostrado ter muito pouca coisa nova para colocar na mesa. Assim fazendo, corre menos riscos de desagradar, mas fica com chances menores de ampliar sua sustentação. Hoje, todas suas cartas são conhecidas, em apostas que dependem apenas da

maturação do que já foi lançado. Tipicamente, é o caso do PAC, cujo andamento sequer depende só do governo federal.

É um caminho totalmente diferente daquele que levou Lula e o PT ao Planalto. Pensando com as idéias do mestre de nosso ex-presidente Fernando Henrique, estamos vendo uma substituição de bases de legitimidade: da empolgação do carisma, com seu ímpeto transformador, para a rotina burocrático-legal, onde bem gerir é mais importante que muito inovar.

Com um ministério que é consequência dessa mudança do presidente e causa de seu aprofundamento,

estabelecem-se as condições para um futuro cada vez mais parecido com o presente, no que diz respeito à ação do governo. O desafio de Lula, daqui para frente, será encontrar desafios.

E se Alckmin tivesse vencido, em que estaríamos tão diferentes de onde estamos? A política econômica teria mudado? Parece que pouco. O Bolsa-Família teria acabado? Pouco provável. Os PMDBs estariam fora do governo? Duvido. Teríamos um choque de gestão, com administradores mais “racionais”? Mais que Dilma Rousseff?

No fundo, é bom para o país que seja assim, que mudanças políticas deixem as pessoas e suas atividades em paz.

“

Para o bem ou para o mal, o governo tem mostrado ter muito pouca coisa nova para colocar na mesa.

Assim fazendo, corre menos riscos de desagradar

CONFLITO

Mudança nos postos-chaves da Polícia Federal incomoda, principalmente os delegados da chamada velha-guarda. Reunião foi palco para desabafo de um dos atingidos pela alteração

Revolta e desconforto

FERNANDO VIVAS/AE - 16/10/07



Ações da PF passaram a ter divulgação mais discreta, o que não impediu o vazamento de informações na Operação Persona, feita em outubro

MARIA CLARA PRATES

A estratégia da nova direção do Departamento de Polícia Federal (DPF) de colocar em postos-chaves delegados mais jovens, alijando da administração os policiais considerados da velha-guarda, muitos auxiliares de confiança do ex-diretor delegado Paulo Lacerda, já começam a causar desconforto e revolta. De forma ainda discreta, um grupo de delegados se articula para reagir às novas regras impostas pelo diretor, Luiz Fernando Correa, que, em apenas dois meses de administração, trocou praticamente todo o comando da instituição. Além dos diretores da estrutura central do DPF, o comando da corporação em Minas, Espírito Santo, Santa Catarina, Alagoas e Piauí foi trocado.

Uma dessas reações ocorreu segunda-feira de forma inesperada. O palco foi a reunião com os superintendentes da PF em todo o país – exonerados e novos – para discutir o planejamento estratégico da corporação até 2022. O ex-superintendente do Espírito Santo delegado Geraldo Guimarães deixou claro seu descontentamento com o tratamento recebido e lembrou a Correa,

que presidia os trabalhos do encontro, que foram os “antigos” que construíram a atual Polícia Federal, hoje tranqüila, em primeiro lugar em credibilidade entre várias instituições da República.

Guimarães, que ganhou fama na corporação por ser incorruptível e independente, estava à frente da PF capixaba desde 2004, quando o estado se viu obrigado a enfrentar a criminalidade organizada que atava fogo em ônibus e se fazia representar em estruturas do próprio estado. Seu novo posto, agora, será a delegacia regional de Montes Claros, no Norte de Minas, instalada por ele, na qual volta a presidir inquiridos. O ex-superintendente, que também chefiou a PF em Minas, foi o único a manifestar sua insatisfação com o tratamento recebido da nova administração e teve o microfone cortado. Não se intimidou e manteve o discurso mesmo sem o som.

LENHA Entretanto, o desabafo do delegado não encontrou coro na reunião. Foi Correa quem recebeu manifestações de apoio. Mas e-mails trocados entre alguns representantes da PF, nas últimas semanas, deixa claro que, nos bastidores, cresce a insatisfação e pros-

DISCRIÇÃO

A parte mais visível das mudanças recentes da PF está na divulgação das suas operações. Elas estão mais discretas. As informações são divulgadas em entrevista coletiva e as fotos distribuídas pelo setor de comunicação da corporação, evitando a exposição dos presos. Ainda assim, o vazamento de informações continua incomodando o governo. Na operação Persona – desencadeada em outubro, tendo como alvo a multinacional Cisco no Brasil, investigada por suspeita de fraude fiscal em transações de importação de produtos de informática – gravações divulgadas levantavam suspeita da doação de recursos ao PT em troca da facilitação dos contratos da empresa.

pera a idéia de que o tratamento é desrespeitoso com aqueles que têm tempo para aposentadoria, mas gostariam de continuar trabalhando.

Mas se a renovação do comando desagradou a alguns, tem também apoios importantes. Um deles vem do presidente da Federação Nacional dos Policiais Federal (Fenapef), Marcos Wink, que aumenta a temperatura, com mais lenha nesta fogueira. “Essa mudança é muito positiva, porque é preciso democratizar o comando da

PF. O que tínhamos anteriormente era um grupo de delegados velhos e antigos, que agiam como se fossem donos da corporação”, diz.

Para Wink, todo o sucesso da PF e o alto índice de aprovação junto à população não se devem à administração do ex-diretor geral Paulo Lacerda, mas justamente ao grupo mais jovem da corporação, que tornou viável as ações. “Foram os mais jovens que consolidaram esse processo. Não foi a administração. Na verdade, so-

mos uma polícia de governo”, conclui. O presidente lembra que, sob o comando de Lacerda, a PF viveu um dos episódios mais tristes da sua história com a disputa interna pelo direção geral, após a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, promovida pelos dois homens fortes da PF – Zulmar Pimentel, ex-diretor executivo, e Renato Porciúncula, ex-diretor de Inteligência Policial. Eles pretendiam suceder a Lacerda, que foi mantido no cargo até julho.

Para Correa, todo esse processo de substituição de auxiliares diretos é natural e não existe qualquer preocupação em afastar ex-auxiliares de Lacerda. Assessores do novo diretor afirmam que o objetivo dele era remanejar toda a equipe até dezembro, mas decidiu pôr o pé no freio, protelando a troca de cadeira até março. Um representante da velha-guarda e amigo pessoal de Paulo Lacerda que ainda resiste é o superintendente de São Paulo, Jaber Saad. O cargo no estado paulista é considerado estratégico para qualquer administração da PF, mas a substituição do comando está entre as que foram adiadas para 2008. Jaber esteve entre os cotados para suceder ao amigo à frente da PF.